

O turista/*flâneur* e o desvelamento do Centro Histórico de João Pessoa: breves considerações sobre a prática do turismo

Lara Santana Santos da Nóbrega¹

Karina Dias²

Resumo: Este artigo se compõe de conceitos com o intuito de discutir a relação entre o caminhar/passear e o desvelar da cidade pelo turista. O fenômeno turístico, a experiência turística, o tempo, o caminhar/passear e a figura do *flâneur* das cidades são abordados como conceitos essenciais para esta discussão. Partimos da concepção de turismo como fenômeno, como uma experiência do sujeito, que inclui um lugar e a percepção do observador. Nesse processo de desvelamento da cidade, o tempo é um fator relevante e se configura como um elemento diferencial para a experiência do turista. Caminhar/passear pela cidade transcende, aqui, a noção de uma mera atitude locomotiva do corpo, posto que tais ações englobam o local, a maneira como se passeia e o olhar daquele que passeia. Propõe-se, assim, a concepção de um turista diferente daquele indivíduo tido apenas como mero consumidor de cartões postais. O turista/*flâneur* evocado neste artigo seria aquele que passeia pelos lugares com desenvoltura e atenção, sempre disponível às diferentes percepções. A partir do Centro Histórico de João Pessoa, empreendeu-se uma breve consideração sobre a experiência singular de caminhar/passear pela cidade.

Palavras-chave: Experiência turística. Tempo. Caminhar/passear. Turista/*Flâneur*. João Pessoa.

Introdução

O fenômeno turístico é um movimento humano construído pela experiência do turista, pelo que ele apreende de algo. Partindo desse pressuposto, tem-se a necessidade de se estudar como o caminhar/passear pela cidade pode contribuir para o estudo e para a prática do turismo, de maneira a discutir alguns conceitos que influenciam uma experiência turística de qualidade.

¹ Mestranda em Turismo pelo Centro de Excelência em Turismo (CET), da Universidade de Brasília (UnB). Email: lara_santina@hotmail.com.

² Pós-doutora em Poéticas Contemporâneas na Universidade de Brasília (UnB), Doutora em Arte pela *Université Paris I – Panthéon Sorbonne*, é professora adjunta do Centro de Excelência em Turismo (CET), da Universidade de Brasília (UnB). Email: karinadias.net@gmail.com

Este artigo propõe uma discussão acerca de conceitos que envolvem o universo do turismo tendo por escopo a experiência turística através do caminhar/passear pela cidade. Assim, o fenômeno turístico, a experiência turística, o tempo, o caminhar/passear e o *flâneur* das cidades são apresentados, brevemente, visando mostrar a importância deles para o estudo do turismo aqui proposto.

A essência do fenômeno turístico: a experiência

Na década de 80, Oscar de La Torre (1994, apud MOESCH, 2004, p. 28) apresentou uma percepção do turismo diferente daquelas que o consideram uma indústria, como se esta atividade tivesse apenas um teor mercadológico e econômico. Para ele, o turismo é um fenômeno social pelo qual os indivíduos se deslocam buscando recreação, descanso, cultura ou saúde.

Continuando com um debate mais atual acerca do discurso científico do Turismo, Marutschka Moesch coloca que

“a dimensão libertadora, humanizadora, prazerosa do Turismo pouco foi estudada pela academia. O olhar míope sobre a fecundidade desse fenômeno social alicerça-se nas raízes da construção do pensamento moderno, o empirismo” (Moesch, 2004, p. 12).

Para ela, o fenômeno turístico é um movimento humano que requer estudos mais aprofundados sobre o tema.

“[...] o fenômeno turístico é a composição de uma prática social com base cultural, com herança histórica, meio-ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural parte de um fenômeno recheado de objetividade/subjetividade, que venha a ser consumido por milhões de pessoas, enquanto síntese – o produto turístico, que está sendo tratado como um fenômeno totalizante, e não dialeticamente – uno/diverso, mas como produto final possível de total controle, suficiente em si mesmo” (Moesch, 2004, p. 15).

A partir da citada visão de Moesch, percebe-se que o turismo é tratado como fenômeno. Aspectos culturais - como herança histórica - e subjetivos são alguns dos pontos que a autora destaca.

Antes, porém, de aprofundar a conceituação do turismo a partir desta perspectiva, é importante esclarecer, para uma melhor compreensão dessa definição, qual o significado do termo “fenômeno”.

Para Molina (1991) é fenômeno tudo o que é objeto do conhecimento humano. Continuando, ele afirma que fenômeno é o que se manifesta e a essência do que se manifesta.

Abbagnano (2007) menciona três definições para o termo:

1. aparência sensível que se contrapõe à realidade, podendo ser considerado manifestação desta, ou que se contrapõe ao fato, do qual pode ser considerado idêntico;
2. objeto específico do conhecimento humano que aparece em condições particulares, características da estrutura cognitiva do homem. É correlativa com a coisa em si, a ela remetendo por oposição contrária;
3. aquilo que aparece e se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência.

Há, ainda, outros entendimentos acerca do que seja “fenômeno”. Segundo Hobbes (2007), trata-se de qualquer objeto possível do conhecimento humano. Para Kant, fenômeno é, em geral, o objeto do conhecimento humano enquanto condicionado pelas formas da intuição (tempo e espaço) e pelas categorias do intelecto. Para ele:

“é o que não pertence ao objeto em si mesmo, mas se encontra sempre na relação entre ele e o sujeito, sendo inseparável da representação que este tem dele. Por isso mesmo, os predicados do espaço e do tempo são atribuídos aos objetos dos sentidos como tais, e nisso não há ilusão. Ao contrário, se atribuo à rosa em si a cor vermelha, a Saturno os anéis ou a todos os objetos externos em si a extensão, sem levar em conta a relação desses objetos com o sujeito e sem limitar meu juízo a essa relação, então nasce a ilusão” (Abbagnano, 2007).

Observando as definições acima, percebe-se a compreensão do termo fenômeno a partir da colocação de diversos autores, entretanto, diante de tantos significados, entende-se que

há concordância entre eles. Assim, entendendo resumidamente o significado deste termo, considera-se, neste trabalho, que fenômeno seja o objeto do conhecimento humano e a revelação do objeto em si. Isto é, aquilo que se apresenta à consciência do sujeito, que a convoca, fazendo com que o mundo seja vivenciado, percebido, configurado por uma “consciência imaginante” (Bachelard, 1996). Uma consciência doadora de sentido, encarnada em um corpo que pertence a uma história e a uma cultura, que percebendo sente, que conhecendo experimenta e que sentindo conhece.

Deste modo, chega-se ao ponto que aqui nos interessa: o turismo como fenômeno. Pensar o turismo como fenômeno é compreendê-lo como uma instância que inclui o sujeito e o mundo, o sujeito e o(s) outro(s), que revela possibilidades de encontro, percepção e familiaridade com o que nos é estranho. Seria essa a razão pelo qual o turismo é considerado objeto de estudos na área do conhecimento humano?

Diante das colocações sobre o que seria o “fenômeno”, tratar-se-á, agora, da relação entre turismo e fenômeno, definindo o fenômeno turístico a partir da concepção que sintetiza o significado do Turismo para o presente estudo.

Para Panosso Netto (2005), “falar do fenômeno turístico significa dizer que uma ação está acontecendo, que pode ser apreendida pela consciência e que tem uma essência em si.” O autor afirma:

“[...] sabemos que experiência é vivência e também história. Essa experiência é fenômeno, então é correto dizer que o turismo é um fenômeno. A pergunta que se faz é: Que tipo de fenômeno é o turismo? [...] Então podemos dizer que o turismo é um fenômeno de experiências vividas de maneiras e desejos diferentes por parte dos seres envolvidos, tanto pelos ditos turistas quanto pelos empreendedores do setor” (Panosso Netto, 2005, p. 30).

Portanto, são as experiências e vivências dos turistas que definem o turismo como fenômeno. Isto é, turismo é fenômeno porque se compõe pelos sentidos daqueles que o envolvem, pela experiência do turista, pela essência do sujeito. “O turismo, por sua vez, é experiência. É experiência no momento em que constrói esse ‘ser’ turista” (Panosso Netto, 2005, p. 29).

Assim, poderíamos especular que o turismo se faz pela vivência do turista, em um movimento constante que configura e reconfigura a nossa experiência nos lugares visitados. Se o turismo acolhe a experiência do turista, ele acolhe também a sua subjetividade, o seu mundo. Se o turismo é fenômeno é porque ele também é fusão de horizontes.

Diante da concepção de “termos” para melhor entender algumas conceituações, a definição de Panosso Netto ao tratar o turismo como fenômeno, nos leva a refletir não a respeito de mais um significado, mas de um diferencial na prática do turismo: a experiência turística.

Entre a diversidade de experiências vividas através do turismo, uma das mais recorrentes é aquela em que o turista compra um pacote na agência de viagem e segue o roteiro turístico exatamente como o previsto – passo a passo. Na maioria das vezes, um roteiro turístico convencional assemelha-se à confecção de uma receita culinária. Primeiro você escolhe para onde quer ir e depois conhece todos os atrativos com um tempo determinado: 10 minutos para olhar a igreja, 15 para ver o museu, 20 para almoçar e 30 para fazer compras. Essa é uma realidade bastante comum para grande parte dos turistas.

O turismo, segundo esses moldes, reduz a experiência turística a um conhecimento apenas superficial do lugar. Considerando-se a experiência do turista como elemento norteador do fenômeno turístico, sugere-se, aqui, outra maneira de conhecer a cidade, destacando a importância de um movimento internacional – *slow travel* – que chama a atenção para outra forma de se fazer turismo: vivenciar mais e melhor cada destino.

“Há duas formas de *slow travel*: uma consiste em ficar uma semana ou mais em um único lugar, ou seja, experienciar mais, viver mais, conhecer mais esse lugar; a outra consiste em conhecer o que está mais próximo no destino onde se está e em fugir das indicações dos guias de viagem a respeito do “imperdível” ou do “o que ver”. Em outras palavras, uma forma de viagem inteligente” (Panosso Netto, 2010, p. 48).

Portanto, enfatiza-se esse movimento pelo fato de ele fazer alusão à experiência segundo a qual o turista vivencia e conhece mais cada destino, diferenciando-se de uma concepção em que ele é apenas consumidor de cartões postais, incapaz de enxergar além das indicações dos guias de turismo.

Partindo da ideia de que o turista pode conhecer mais e melhor cada destino, ressaltaremos a experiência turística que se constitui pelo caminhar/passear pela cidade. Vale lembrar que andar pela cidade é um hábito bastante comum em países da Europa. É possível conhecer, a pé, diversas cidades como Paris, Amsterdam, Roma, Milão, Londres.., Com uma pequena orientação acerca de cada uma dessas cidades, a exemplo de mapas e sinalizações, é possível conhecê-las através da singela prática da caminhada, utilizando meios de transporte como carros, ônibus turísticos e metrô apenas para percorrer longas distâncias. O ato de caminhar/passear revela as camadas de uma cidade: o seu movimento, a sua arquitetura, a vida dos seus habitantes. Conhecer uma cidade com os próprios pés, é perceber as suas nuances, é constatar os seus detalhes, é perceber que a cidade visitada tem a dimensão de nossos passos. Na experiência da caminhada não há passos perdidos, pois sempre pode-se ser surpreendido pelo que vê/vive. Escolher caminhar é desejar se aproximar da cidade, conhecer suas entrelinhas, traçar seu próprio percurso, desenhar o seu destino.

O interesse pelo caminhar/passear pela cidade como uma prática do turismo, origina-se em uma experiência inesquecível para uma das autoras na cidade de Granada³.

A partir das experiências vividas, podemos lembrar do que Trigo (2010) chama de experiências especiais: “[...] elas são intensas e remetem ao ineditismo, às condições específicas e à própria subjetividade [...]”. Entende-se que a experiência turística envolve o sentimento particular, a emoção auferida por descobrir o que antes não se conhecia, o prazer pelo viajar, enfim. Uma viagem que intensifica, dá densidade ao sentimento de ser e estar no mundo. Quando andamos pela cidade não passamos apenas por ela, mas estamos imersos, conscientes de nossos passos, disponíveis para olhar. Andando e olhando.

Assim, concorda-se, aqui, com o pensamento de Trigo (2010), segundo o qual

³ Localizada em Andaluzia, ao sul da Espanha, possui um dos maiores e mais visitados patrimônios culturais desse país – Alhambra. É conhecida como a terra de Federico García Lorca (FUNDACIÓN, 1984), uma cidade “*Abierta todo el año*”. “Cidade Universitária” é, também, um dos destinos mais desejados pelos estudantes, vindos de diversos países. A experiência de conhecer pessoas do mundo todo e com elas poder viajar por diversas cidades da Espanha foi inesquecível para uma das autoras. Brasileiros, portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, coreanos, marroquinos... intercâmbio cultural enriquecedor para um estudante de qualquer nacionalidade.

“Para ser uma experiência, a viagem precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história [...]”

Desvelar a cidade a pé, pode até não ser uma novidade no debate do turismo, no entanto, tem-se a intenção de apresentar, neste artigo, alguns conceitos que fazem o diferencial para o estudo do turismo em se tratando de uma experiência turística de qualidade. Portanto, serão abordados aqui conceitos como o tempo, o caminhar/passear e o *flanêur* das cidades.

Tempo e turismo: do tempo cronometrado ao tempo da apreensão

Uma das categorias de extrema importância para desvelar a cidade é o tempo. Será ele, apenas uma repetição cíclica e periódica que constitui nossa maneira de viver? Como as culturas anteriores conseguiram medir o tempo com objetividade se a invenção do relógio mecânico é um acontecimento tardio da humanidade? O tempo é igual para todas as pessoas?

Como os vários conceitos abordados até agora, o tempo é mais uma definição que possui diversos entendimentos. Rey Puente (2010), em seu livro, “O Tempo” aponta a gama de autores que tratam desse tema. Comentando uma passagem de Platão sobre a mensuração do tempo e o relógio de sol ele escreve:

“[...] as horas eram determinadas pela mensuração do deslocamento da sombra que a luz solar provocava ao incidir sobre uma haste ou um triângulo, fixado em uma superfície elíptica ou semicircular marcada por um conjunto de linhas ao longo do dia. Vemos, portanto, que desde o início do pensamento filosófico e científico postulava-se uma íntima relação entre o movimento (o deslocamento da sombra), a numeração (os números com os quais se numerava a sombra produzida pela haste ao longo do dia) e o tempo (a quantidade determinada desse deslocamento)” (Rey Puente, 2010, p. 23).

Já para Santo Agostinho, o tempo é “uma distensão do próprio espírito”:

“[...] Ele mostra que, como o passado não existe mais, o futuro ainda não chegou a ser e o presente não tem nenhuma extensão que se possa apreender; o que se pode efetivamente medir quando mensuramos o tempo

não é, por conseguinte, o próprio tempo, mas tão somente o nosso próprio espírito. Ou seja: o que se mede é aquilo que presentemente apreendemos de algo [...]” (Rey Puento, 2010, p. 31).

Dessa forma, compreende-se que o tempo, segundo a explicação de Platão, e a compreensão de Santo Agostinho, é o que se apreende no momento em que se está desvelando a cidade: a sua cultura, o seu patrimônio, a sua paisagem. É a duração da expectativa e a da memória, manifestadas no presente.

De acordo com o pensamento de Rey Puento (2010), percebe-se que o tempo é a continuidade do que não é mais (o passado) no que é (o presente). Ou seja, considerando a relação dessa definição com o turismo, entende-se que a compreensão do patrimônio cultural de uma cidade pode ser uma característica que define o tempo. Se o turista está no presente, visitando João Pessoa e conhecendo o Centro Histórico repleto de histórias e de monumentos que demonstram o passado da cidade, isso quer dizer que o passado está no presente. Podemos dizer que a cidade revela o tempo e se revela no tempo. Camada sobre camada, camada após camada, instante após instante.

Assim, ao pensar a experiência turística e a sua relação com o tempo, percebe-se que ele não é apenas aquele que está arraigado no senso comum: as horas; os dias; manhã; tarde e noite.

O tempo se constitui então de intensidades variadas que aliam, em nossa pesquisa, a intuição do instante e a duração de uma percepção. O tempo da experiência está para além de sua mera mensuração. Se ele é uma distensão do próprio espírito, como aponta Santo Agostinho, poderíamos pensar que, quando estamos deambulando pela cidade, vivenciamos uma forma de distensão temporal, isto é, de adensamento do tempo, de suspensão do tempo da rotina e da repetição que nos leva a estabelecermos outra relação espaço-temporal, nos encontramos “em meio ao qual estamos absolutamente” (Merleau-Ponty, 1999).

O caminhar/passear pela cidade e a perspectiva do turista/flâneur

Depois de mencionar-se o tempo como um conceito essencial para esta pesquisa, abordaremos a noção de caminhar/passear pela cidade.

Entendemos que são termos cujas definições superam a ação física do corpo, o simples deslocamento. Caminhar/passear engloba o local e a maneira como se passeia. Para Schelle,

“O passeio a pé é a forma mais natural de flânar, porque depende inteiramente de nós e nos deixa totalmente entregues a nós próprios. Passeando a pé, encontramos-nos inteiramente livres para observar as coisas como bem nos aprouver, com total tranqüilidade de alma; podemos conciliar o movimento do corpo com as exigências do espírito e, quando quisermos que a observação aumente em um instante para uma visão de conjunto, basta um ligeiro deslocamento do corpo para abarcar todo o horizonte. Sem perturbar um mínimo sequer a atenção dirigida a um objeto preciso, podemos parar ou continuar a caminhar segundo as exigências de nosso espírito” (Schelle, 2001, p. 69).

Sobre o andar a pé, Gros afirma que “[...] só há um desempenho que de fato conta: a intensidade do céu, o viço das paisagens [...]” (2010:10). Portanto, ao caminhar/passear pela cidade, a pessoa está livre para olhar o que lhe chama mais a atenção, de acordo com as suas próprias concepções. Essa observação pode se dirigir para um monumento histórico, para a paisagem, para uma pessoa que está passando na rua... O olhar se diferenciará de indivíduo para indivíduo; trata-se de uma percepção totalmente subjetiva.

Caracterizando o olhar para o estudo do turismo, Urry diz que:

“O olhar do turismo é direcionado para aspectos da paisagem do campo e da cidade que os separam da experiência de todos os dias. Tais aspectos são encarados porque, de certo modo, são considerados como algo que se situa fora daquilo que nos é habitual. O direcionamento do olhar do turista implica frequentemente diferentes formas de padrões sociais, com uma sensibilidade voltada para os elementos visuais da paisagem do campo e da cidade, muito maior do que aquela que é encontrada normalmente na vida cotidiana. As pessoas se deixam ficar presas a esse olhar, que então é visualmente objetificado ou capturado através de fotos, cartões-postais, filmes, modelos, etc. Eles possibilitam ao olhar ser reproduzido e recapturado incessantemente” (Urry, 2001, p. 18).

Assim, o olhar do turista é guiado para os aspectos que são diferentes do seu cotidiano. Ele poderá formar, a partir da sua própria perspectiva, diversas paisagens a respeito de alguma cidade.

Ao tratar da experiência turística, do tempo e do caminhar/passear, destaca-se o tipo de turista que caminha pela cidade. Como acontece com o turismo, são inúmeras as definições para a palavra “turista”. Burns (2002) cita alguns tipos de turista de acordo com as definições de Cohen, *American Express* e Smith: turistas de massa organizados, turistas de massa individuais, exploradores, alternativos; aventureiros, preocupados, sonhadores, econômicos, ostentadores; exploradores, turistas de elite, turistas excêntricos, turistas incomuns, turistas de massa especializados, turistas de massa e turistas de vôos fretados. Além desses, destaca-se o turista cidadão, definição dada por Gastal e Moesch (2007), segundo a qual o indivíduo pode fazer turismo em sua própria cidade, sem a necessidade de se deslocar para lugares distantes da sua residência.

O turista cidadão,

“[...] [envolve] o habitante que desenvolve um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer, quebrando o modelo existencial da sociedade industrial criticado por Jost Krippendorf (trabalho – moradia – lazer – viagem), de acordo com o qual o lazer – as práticas sociais capazes de restabelecer o equilíbrio físico e emocional do sujeito contemporâneo – só seria possível em lugares distantes da própria residência” (Gastal & Moesch, 2007, p. 60).

As autoras destacam a modalidade de Turismo na qual a cidade é o destino e a motivação fundamental do deslocamento – o turismo urbano – e que este pode ter significado também para os moradores ou usuários das cidades.

Avançando na definição de “turista”, identificou-se no livro *Entre Visão e Invisão: Paisagem – [Por uma experiência da paisagem no cotidiano]*, de Karina Dias, a menção a Mathieu Kessler, autor que define viajante em contraponto com a definição de turista. Para ele, o viajante descobre seu próprio itinerário a partir de uma perspectiva singular, atento e concentrado no caminho. Por outro lado, considera o turista consumidor de panoramas e cartões postais, em que ele

“[...] escolhe um percurso onde tudo está a priori organizado e regulado para atender o melhor possível às suas expectativas. Esse turista se contenta em constatar, no sítio, uma localidade indicada em seu mapa turístico. Em geral, consome sem verdadeiramente contemplar, queima as etapas porque se transporta incessantemente de um lado para o outro” (Dias, 2010, p. 129).

Discordando das idéias de Mathieu Kessler para esta investigação, acredita-se que o turista, assim como o viajante, pode estar atento ao caminho que ele percorre, e, não é apenas, um sujeito capaz de constatar o que já está demarcado. Percebe-se que existe uma gama de turistas que viajam e estão atentos a aspectos que vão além dos pré-estabelecidos, delimitados. Mesmo existindo formas de organizar os atrativos, como mapas, sinalizações turísticas, roteiros turísticos... isso não quer dizer que o turista só veja o que é proposto.

Com essa proposição, entende-se que o turista se assemelha a um personagem que se diferencia pelo modo de descobrir a cidade: a figura do *flâneur*. O *flâneur*, segundo Dias (2010, p. 130), “é aquele que passeia pelos lugares com desenvoltura e atenção, sempre disponível às diferentes percepções, desejoso de novas perspectivas [...]”.

O *flâneur* caminha, caminha dentro e através da multidão, pelas concentrações urbanas aonde, segundo Gros (2010), “[...] se pode caminhar horas a fio sem avistar o menor pedaço de campina. [...] Tudo pode mudar de um distrito ao outro: a dimensão das casas, a arquitetura geral, o ambiente, o ar que se respira, o modo de vida, a luz, as categorias sociais. O *flâneur* subentende o momento em que a cidade tomou proporções tais que vira paisagem [...]”.

Nesse sentido, o *flâneur* e o turista são sujeitos que se assemelham: desvelam a cidade enquanto caminham. Como aponta Gros (2010), “o *flâneur* desvirtua a solidão, a velocidade, o atarefamento e o consumo”. Da mesma forma, o turista que escolhe caminhar pela cidade sem o acompanhamento de um guia, por exemplo, sem ter um tempo cronometrado para conhecer tudo o que está a sua volta, está disposto a desvelá-la distante da “demonstração de consumo”, ou seja, longe da obrigação de escutar e ver o que na maioria das vezes é mostrado superficialmente.

Portanto, adotou-se aqui a concepção de um turista que não é considerado um simples consumidor, como as definições mencionadas anteriormente remetem. O turista que tem outros hábitos, outra forma de ser, outra maneira de conhecer e olhar, de ser e estar na cidade... o turista/*flâneur*. Assim, compreende-se que existe um turista diferente daquele concebido apenas como consumidor de cartões postais, com pouco tempo para visitação e acompanhado de um guia que sinaliza todos os seus passos.

Desvelando o Centro Hist3rico de João Pessoa a p 

João Pessoa, ponto mais oriental das Américas e terceira cidade mais antiga do Brasil, localiza-se na posi o mais oriental da Região Nordeste e do Brasil. Limita-se ao norte com o município de Cabedelo, ao sul com o município do Conde, a leste com o Oceano Atlântico e a oeste com os municípios de Bayeux e Santa Rita. Juntamente com estes municípios e os de Alhandra e Lucena, forma o Aglomerado Urbano denominado de Grande João Pessoa, cuja área total   de 1.403 km². Marcada por diversos atributos naturais, encontra-se entre o mar e o vale do rio Rio Sanhauá – afluyente do Rio Paraíba – que mant m uma grande rela o com o núcleo hist3rico dessa cidade.

Valor hist3rico, paisagístico e artístico. Quanta informa o um turista pode obter ao caminhar pelo Centro Hist3rico da Capital. Para isso, ele necessita de tempo para descobrir a cidade, para olhar a paisagem, para ter a sua experiência.

Nesse contexto, o tempo e o caminhar/passear pela cidade possibilitaram, a autora, olhar mais atentamente a cidade, chegando às pr3prias percep oes sobre a paisagem da localidade. Ao caminhar/passear pelo Centro Hist3rico, constituiu-se um percurso que abrangeu os atrativos da chamada cidade baixa: Praça Antenor Navarro e Largo de São Frei Pedro Gonçalves que compreende, a Igreja São Frei Pedro Gonçalves, o Memorial de Arquitetura Paraibana e o Hotel Globo.

O nosso objetivo era vivenciar *in situ* a experiência de turismo aqui proposta. Como um *flâneur* a pesquisadora se deixou levar pelo percurso, não impondo qualquer regra para a sua

observação. O intuito aqui era vivenciar o espaço como ele se apresentava, tentando aliar o andar e o olhar, a percepção e a disposição para encontrar, em meio ao movimento, os pontos de vista a serem observados. A experiência do tempo aqui foi fundamental: o tempo do deslocamento, o tempo da parada para descanso, o tempo do olhar e da fruição do espaço e o tempo da natureza que aqui se revelou pelo pôr-do-sol. Durante todo o percurso, a pesquisadora estava atenta ao que animava este espaço: os cheiros, as conversas, os ruídos, o barulho do trem, a movimentação do pequeno comércio.

Como apontado anteriormente, o turista/*flâneur*, acolhe os imprevistos, aceita o inesperado. Imprevistos não faltaram na experimentação do percurso aqui descrito. O maior deles foi a impossibilidade de entrar em alguns importantes monumentos como a Igreja São Frei Pedro Gonçalves e o Memorial de Arquitetura Paraibana. O que fazer quando a estrutura turística não garante que a visita seja completa? Como (re)pensar esse roteiro a partir de suas lacunas?

Na impossibilidade de esmiuçar o espaço, nesta etapa da pesquisa, focalizou-se sobre aquilo que o percurso ofereceu: a contemplação de sua arquitetura e o que dela se desenha, a percepção da história da construção da cidade, do rio Sanhauá e do sol que naquele momento se despedia da cidade. Na ocasião foram realizados registros fotográficos e iniciado o diário de campo pelas pesquisadoras. As informações recolhidas ainda estão em processo de análise. A seguir apresentamos as imagens de alguns lugares percorridos:



Figura 1: Praça Antenor Navarro.
Fonte: Acervo particular de Lara Santina.



Figura 2: Largo de São Frei Pedro Gonçalves.
Fonte: Acervo particular de Lara Santina.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo



Figura 3: Hotel Globo.

Fonte: Acervo particular de Lara Santina.



Figura 4: Vista do Hotel Globo ao rio Sanhauá.

Fonte: Acervo particular de Lara Santina.

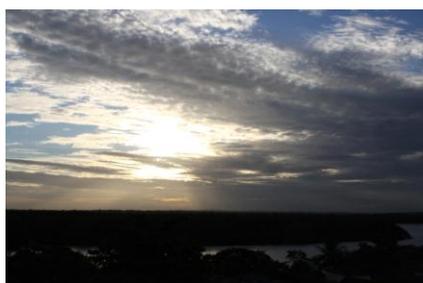


Figura 5: O pôr-do-sol: o olhar sob as nuvens.

Fonte: Acervo particular de Lara Santina.



Figura 6: Entre o céu e o rio: a vista do pôr-do-sol no Centro Histórico de João Pessoa.

Fonte: Acervo particular de Lara Santina.

Considerações finais

Se o turismo é um fenômeno, uma forma de conhecimento do lugar, também é uma experiência sensível do espaço. O percurso aqui descrito revelou que a percepção do lugar passa por aquilo que experimentamos dele: uma luz cambiante que altera a nossa percepção do lugar, os desvios, as informações históricas, o tempo que dedica para olhar.

Sugere-se, aqui, pensar o fenômeno turístico a partir da relação entre o caminhante e a cidade. A possibilidade de descobrir um lugar a partir da sua própria experiência, longe de decisões pré-estabelecidas – no caso de pacotes oferecidos por agências de viagens.

Espera-se que este artigo levante algumas discussões para a teoria e prática do turismo, pois o caminhar poderá desvelar várias maneiras de olhar a cidade, de tal forma que se respeite a necessidade de conhecer do caminhante, o que ele deseja descobrir. Considerar a

experiência do sujeito é propor uma investigação para além da visão mercadológica, que o situaria no centro da prática turística.

Do Hotel Globo ao rio Sanhauá, no Centro Histórico de João Pessoa, pôde-se perceber uma das perspectivas entre tantas outras durante uma experiência turística. Aqui, este foi o recorte escolhido para se começar a pensar sobre a importância de se construir uma percepção singular sobre uma localidade, percepção essa que alia o lado objetivo, concreto do espaço com a subjetividade daquele que o experimenta.

Referências

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Burns, P. M. (2002). *Turismo e antropologia: uma introdução*. São Paulo: Chronos, Coleção Tours.
- Dias, K. (2010). *Entre Visão e Invisão: Paisagem [Por uma experiência da paisagem no cotidiano]*. Brasília.
- Gastal, S. & Moesch, M. M. (2007). *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph, Coleção ABC do Turismo.
- Gros, F. (2010). *Caminhar, uma filosofia*. É Realizações.
- Moesch, M. M. (2004). *Epistemologia Social do Turismo*. São Paulo: Tese de doutorado.
- Molina, S. (1991). *Conceptualización del turismo*. México: Limusa.
- Panosso Netto, A. (2005). *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.
- Panosso Netto, A. (2010). *Experiência e turismo: uma união possível*. In: *Turismo de experiência*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Rey Puente, F. (2010). *O tempo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Trigo, L. G. G. (2010). *A viagem como experiência significativa*. In: *Turismo de experiência*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Urry, J. (2001). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, SESC.